

A ATIVIDADE DE LINGUAGEM COMO MÉTODO DE ANÁLISE DE ENUNCIADOS

Joseléia Graciano da Silva¹

Marcos Luiz Cumpri²

Resumo: Nosso objetivo, neste trabalho, é o de falar dos processos enunciativos que fazem da atividade de linguagem (as operações de qualificação, modalização, aspectualidade) um método de análise em linguística. Isso graças ao arcabouço teórico denominado Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas que instaura um campo metalinguístico capaz de descrever como os sentidos e os valores das noções perpassam pelos processos intersubjetivos da linguagem articulada as línguas naturais. Na primeira parte expomos os aparatos epistemológicos que confirmam a linguagem como uma atividade de reconhecimento para, na segunda parte, realizarmos uma análise. No final do texto há as considerações finais e as referências bibliográficas.

Palavras-chave: Atividade de linguagem; Enunciado; Sentido.

LANGUAGE ACTIVITY AS ANALYSIS METHOD OF UTTERANCES

Abstract: Our goal here is talking about enunciative processes that lead linguistic activity (such as qualification operations, modalization, aspect) to the status of a method of analysis in linguistics. This is thanks to the theoretical framework called Theory of Predicative and Enunciative Operations, which establishes a metalinguistic field capable of describing how meanings and values of notions that go through the intersubjective processes of Language articulated to natural languages. In the first part, we expose the epistemological aspects of the Theory that confirm language as a recognition activity. In the second part, we carry out an analysis. In the end of the text there are a conclusion and the bibliographic references.

Keys-word: Language activity; Utterance; Meaning

Introdução

A defesa de uma linguagem enquanto uma atividade de construção e reconhecimento

al. 2011). Essa premissa impulsiona a nos querer pensar a atividade de linguagem enquanto um sistema natural capaz de descrever o comportamento enunciativo das formas linguísticas, que serão representadas neste artigo pela análise da ocorrência do qualificador /velha/ no enunciado

¹ Mestre em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso. MT, Brasil. E-mail: leia.23@hotmail.com

Orcid:

² Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso. MT, Brasil.
E-mail: marcoscumpri@yahoo.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2136-7341>

“Não, eu não sou velha”. No esteio teórico está a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE a partir de agora), para a qual a linguagem além de (i) ser uma atividade inata ao homem que envolve processos de representação, referenciação e regulação, (ii) se articula, inexoravelmente, às línguas naturais, (iii) dá à Linguística o seu objeto de estudo (REZENDE, 2000; CULIOLI & NORMAND, 2005; DE VOGÜÉ et al. 2011) e (iv) fornece à semântica (pensada enquanto o estudo geral do sentido) uma metodologia em si.

Contornar um problema em Linguística a partir de uma teoria enunciativa implica buscar compreender o funcionamento da linguagem a partir das operações que os sujeitos desempenham em uma relação espaço-temporal. Essa afirmação, apesar de parecer óbvia, endossa o que está na base das pesquisas numa Linguística da produção.

Antoine Culioli, linguista francês, precursor na TOPE, defende o estudo da linguagem enquanto atividade simbólica e de cunho cognitivo e afetivo que constrói e evoca sentidos através de marcas (linguísticas) presentes nos textos. Isto é: os sentidos são construídos na relação dos sujeitos com o empírico e da articulação das línguas naturais com a linguagem, como já dissemos.

O nosso referencial teórico mais robusto está nos 3 tomos de *Pour une linguistique de l'énonciation* (1990, 1999a, 1999b) que endossam: o conceito de invariância reguladora da atividade de linguagem, o de noção como o feixe de propriedades híbridas que dependem do cultural, do psíquico e do material e, principalmente, do enunciado tomado como lugar da articulação entre Línguas Naturais e Linguagem, assim como das operações cognitivas do homem e da estabilização temporária do sentido.

1. A Linguagem enquanto um princípio teórico-metodológico

A proposta da articulação entre Linguagem e Línguas naturais se sustenta pelo princípio da indeterminação e da invariância da própria linguagem: se a linguagem é uma atividade inacessível diretamente, somente as operações com as marcas linguísticas são capazes de lhe dar estatuto. A invariância linguística é entendida como uma maneira de se pensar a diversidade das línguas naturais, porém, não se configura como um fenômeno universal, mas como o modo de apreender o que há de mais generalizável na linguagem. Nesse sentido, a invariância relaciona-se do particular ao geral, das línguas à linguagem e corresponde a uma relação primitiva com valor semântico que dá origem as outras relações, a saber: relações linguísticas, predicativas e enunciativas. Assumindo papéis de proliferadoras,

essas três relações organizadas pelas relações primitivas possibilitam que as noções linguísticas sejam moduladas, reorientadas construindo outros domínios nocionais para uma determinada noção e introduzindo novos sentidos e valores nocionais para valores linguísticos, que, muitas vezes, são tidos como estabilizados, pois,

o objetivo não é construir uma gramática universal, mas reconstruir, através de processos formais e teóricos, as noções primitivas, as operações elementares, regras e esquemas que geram categorias gramaticais e arranjos (“patterns”) específicos a cada língua. Em suma, o objetivo é encontrar as invariantes que fundamentam e regulam a atividade de linguagem em toda sua riqueza e complexidade. (CULIOLI, 1999a, p 177.)

Num enunciado como “O bisavô usava uma dentadura velha”, considera-se na sua origem uma relação de três noções, ainda não assertadas: < “usador” – usar - objeto usável>, prontamente temos <alguém usar algo velho>. Através dessas noções, o enunciado se organiza em torno desses domínios nocionais instanciados, pela relação predicativa, sendo possível tematizar o <usador>, <usar> e o <objeto usável>. Através dessas noções é possível criar outras organizações sintático-semânticas para o enunciado. Paralela a essas relações é constituída a relação enunciativa pela marcação de pessoa <ele> <não ele>, das marcas de modo trazidas pelo verbo <usar> <não usar> e aspectos temporais <antes> <não antes>; <agora> <não agora>.

Nota-se, a partir dessas relações, a característica plástica e dinâmica da linguagem, tomada como um processo intralinguístico em que os indivíduos depositam suas experiências de mundo, sejam elas físicas, culturais ou psicológicas que resultam nos processos discursivos sem que haja um ponto de chegada definitivo, apenas a estabilização provisória.

Por essa razão, Culioli (1990) chama a atenção para o processo em que ocorre a construção e o reconhecimento de formas, possibilitadas por meio dos agenciamentos das marcas que se fazem presentes na superfície dos textos, podendo estes serem orais ou escritos. Esses agenciamentos são possíveis graças à capacidade inata e comum a todos os indivíduos em (i) representar (processo interior e psicológico do sujeito em que o enunciador ainda cogita exteriorizar seus pensamentos), (ii) referenciar (processo de materialização do enunciado em que o sujeito enunciador através do enunciado exterioriza aquilo que havia cogitado no processo de representação) e (iii) regular (processo pelo qual os sujeitos se

organizam pelo diálogo, elaboram seus enunciados a partir da atividade epilinguística³, que, de acordo com Culioli (1999a), designa o saber inconsciente que todo sujeito tem).

Isso quer dizer que a compreensão se dá através de procedimentos de formulações e reformulações realizadas pelos sujeitos ao enunciar, na busca por significar, levando assim, à constituição dos sentidos, que por sua vez, são apreendidos no processo interativo entre a linguagem e o conhecimento de mundo dos sujeitos, dado que os sentidos não são exteriores a língua. Por essa razão, acredita-se que a exteriorização dos sentidos é possibilitada pelas atividades parafrásticas e de glosagem de um enunciado primeiro. Metodologicamente são conceitos para se pensar a atividade de linguagem e teoricamente são mecanismos de (re)formulações léxico-gramaticais que fornecem rastros que levam à visualização do funcionamento da linguagem e de suas operações.

A glosa é entendida como uma retomada da enunciação origem. “Um tipo particular de reformulação, não assimilável a uma definição, nem a uma retomada com o propósito de melhor esclarecer algo anteriormente dito.” (ROMERO, 2011, p.156) ou “textos que um sujeito produz quando, de modo espontâneo ou em resposta a uma solicitação, ele comenta um texto precedente.” (CULIOLI, 1999a, p.74). São retomadas do sujeito em um ensaio metalinguístico para compreender os sentidos proliferados dos e nos textos. Contudo, ressalte-se que as glosas não são atividades completamente controláveis pelo sujeito, é uma tentativa de tornar cômico um saber inconsciente.

Já as paráfrases, diferentemente das glosas, são atividades reguladas, podendo ser controladas pelo linguista. Nesse sentido, as paráfrases são simulações construídas pelo observador, com regras próprias de constituição, ou seja, o sujeito constrói paráfrases à medida que se constitui como sujeito enunciativo, produzindo assim, uma “classe de enunciados, que se pode definir como uma classe de ocorrências moduladas.” (CULIOLI, 1990, p. 137.). Os enunciados são passíveis de diferentes interpretações, a depender do sujeito e das condições de produção ao qual pertence. Nesse sentido, a relação parafrástica se dá através de um procedimento de simulação de enunciados. As simulações ocorrem na tentativa em descobrir os princípios que possibilitam e levam de um agenciamento a outro, para assim explicitar sobre os valores referenciais isomorfos trazidos por estes agenciamentos particulares. (CULIOLI, 1999a).

³ Rezende assegura que para que haja processo de produção e reconhecimento de significações, é indispensável a existência de um diálogo interno, quer dizer, de uma relação especular. É necessário aproximar como diferentes ou quase-idênticos dois (no mínimo) conteúdos predicativos ou modulações e extrair, em consequência do diálogo ou do monólogo, a sutileza da diferença responsável pela configuração de um tal significado, que resultará, então, em uma terceira modulação ou conteúdo predicativo. (2000, p. 60)

Prontamente,

a constituição de uma família parafrástica dá-se da seguinte forma: “Considera-se n enunciados, dos quais sabe-se intuitivamente que eles estão ligados por um certo número de operações, que são bastante simples, e procura-se verificar se, se pode construir as operações que, a partir de uma fórmula, vão permitir que se derivem os enunciados.”(CULIOLI, 1976, p. 63 *apud*, BIASOTTO, 2012, p. 101).

O sentido das formas linguísticas (representações) se organiza ao redor de uma noção⁴, uma espécie de ponto de encontro dos sentidos possíveis que depende das relações intersubjetivas e intrassubjetivas por considerar as propriedades físicas, psíquicas, culturais. Para exemplificarmos, suponhamos os seguintes enunciados: “olha aquele gato no muro”, “eu não tenho gato, tenho cachorro”, “Tom era um gato de desenho animado”, “Quero adotar um gato”, “Mas que gato, hein?” Entre essas várias ocorrências de gato há propriedades que remetem a representações mentais que o humano constrói desde a infância da ideia do que venha a ser um gato, confrontando tudo o que viu, ouviu, sentiu sobre gato com tudo aquilo que o outro (o diferente dele) viu, ouviu, sentiu sobre gato. Esses feixes de propriedades entrelaçadas vão se organizando ao redor de um domínio e daí surgem o exemplar de gato (o *felis silvestris catusto*) e os tipos de gato (gato do mato, por exemplo), de modo que haja gatos que sejam “gatos de verdade”, “quase gatos” e até mesmo “nada gatos”. Mesmo que essas ocorrências nunca sejam idênticas em sentido, uma vez que foram proferidas em situações enunciativas distintas, em tempos e espaços distintos, podem ser enumeradas e qualificadas, o que nos remete aos conceitos de qualificação (QLT) e quantificação (QNT).

A qualificação relaciona-se diretamente com as representações mentais. Consolida-se na transição do nível linguagístico (da linguagem, do inacessível diretamente) ao nível linguístico (da língua, das representações linguísticas) e permite alargar a esfera daquilo que já temos caracterizado, mesmo que temporariamente.

A quantificação é estremada pela relação espaço-temporal. As ocorrências desse nível já podem ser consideradas um evento enunciativo, sendo possível conjecturar a predicação de existência. Além disso, a quantificação pode se dar por meio das seguintes operações: “extração”, “flechagem” e “varredura”. Na operação de “extração” é extraído o essencial de um acontecimento. Extrai-se de uma lista de acontecimentos abstratos do domínio nocional da noção um episódio unívoco que se identifique com o predicado. Pegue-

⁴ Uma leitura aprofundada do conceito de noção, que é basal na TOPE, pode ser feita em CULIOLI, A. *Cognition and representation in linguistic theory*. In: *Current issues in linguistic theory*, 112. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1995.

se como exemplo de extração a ocorrência: “Aquele gato é bravo.” Neste molde podemos retirar do domínio nocional <ser gato> umas das muitas ocorrências que o constitui. Ocorrências atualizadas pelas marcas “Aquele” e “bravo”, de modo que tais marcas delimitam o espaço e o tempo da noção. Na operação de “flechagem” ocorre a identificação de uma ocorrência posterior da noção com a primeira. Por exemplo, se proferimos: “O gato continua bravo.”, extraímos uma segunda ocorrência da noção <gato> e a identifico com uma ocorrência primeira que poderia ser: “O gato estava bravo com as crianças”. Já na operação de “varredura”, como ressalta Pria (2009, p. 67), são percorridas todas as ocorrências abstratas da noção no interior de um domínio sem se prender a um valor único em uma situação particular de enunciação. É o caso de: “Todo e qualquer gato é bravo”. Observa-se que, os quantificadores “todo” e “qualquer” percorrem a classe de gato, sem se aterem a nenhuma ocorrência individualizada.

De modo geral, toda passagem do nível linguagístico (nocional) ao nível linguístico (representacional) é de alguma forma, qualificada e quantificada. Quando os domínios de uma noção se articulam emergem o que se conhece na TOPE por marcas aspectuais. Desse modo, a categoria de aspecto permite o estabelecimento de relações entre uma dada representação e o conjunto de marcas das línguas. Prontamente, o aspecto, como afirma Gonçalves (2008, p.30), é “(...) construído por uma trajetória desde um momento origem até um momento esperado ou atingido.”

Por fim, há a modalidade que, da mesma maneira que o aspecto, coopera para construir valores referenciais dos enunciados. Para Pria (2009), trata-se de “uma categoria gramatical que incide sobre a relação predicativa na construção do enunciado.” A modalidade é uma categoria à qual se conferem quatro especificidades, a saber: modalidade 1, a modalidade de asserção; modalidade 2, a modalidade da epistêmica; modalidade 3, a modalidade da apreciação na relação predicativa; e modalidade 4, a modalidade do deôntico.

O objetivo geral da TOPE é o de que construir uma teoria da observação que não seria possível se não se criasse uma teoria das representações do que está em constante atividade (operação) na linguagem. A análise a seguir tende a mostrar isso na prática.

1. Análise do enunciado “Não, eu não sou velha.”

Conforme sinalizamos na introdução desse texto, o método de análise tem como instrumento a própria atividade de linguagem, que mostrará como o enunciado “Não, eu não

sou velha” ao ser manipulado e posto em relação com suas famílias parafrásticas por meio de operações de linguagem estabiliza a marca de qualificação /velha/. Afinal:

o que nos interessa é o sentido construído pelos enunciados, nossa análise parte das formas linguísticas e apenas delas para considerar que o sentido aí elaborado não é um sentido dado de modo independente, mas, pelo contrário, é desconhecido e a ser descoberto, sendo necessário desvendá-lo. (DE VOGÜÉ et. al., 2011.p. 2.)

Para observarmos o funcionamento sintático-semântico da marca /velha/ foram necessários a identificação de pré-construtos, uma expansão de cotexto de direita e a criação de uma família parafrástica do enunciado em questão.

Passemos à análise:

O enunciado “**(1) Não, eu não sou velha.**” pressupõe o seguinte pré-construto:

Há alguém que não se considera velho porque ainda se considera jovem.

ou

Há alguém que não se considera velho porque acha desrespeitoso ser chamado de velha.

Vamos às ampliações de cotexto de direita:

(i) **Não, eu não sou velha** porque tenho apenas 40 anos.

(ii): **Não, eu não sou velha**, não se chama de velha quem está na melhor idade.

Pensando na situação (i) e já parafraseando o enunciado (1), temos: (1a) “Discordo da premissa (da pergunta) de que eu seja velha” em que o enunciador não se permite qualificar pela noção <ser velho>.

Esboçando de forma mais simplificada o acontecimento, temos o seguinte esquema:

“Há X que acha Y velha que, por sua vez, nega o projeto de qualificação elaborado por X”, num tempo que coincide com o tempo da enunciação. Y, ao se situar na enunciação, no mesmo tempo, distingue e valida o ponto de vista de existência da representação de <ser velho> ao negar a propriedade para si. Assim, cria-se uma representação linguística de <velho> ao se colocar no exterior do domínio de tudo o que pode ser velho. Temos algo como: “Eu tenho uma representação mental do que seja velho, sei o que pode ser considerado velho porque me diferencio dessa representação e mantenho sua existência mesmo me colando fora do alcance de tal propriedade”. Y, desse modo, cria um processo de

diferenciação em relação ao que é passível de ser velho e valida sua existência (aquele que não é velho) no enunciado.

Afinal, quando Y nega a qualificação a ela atribuída numa pergunta como “Então você é velha?” estabiliza o projeto de existência de representação de /velha/ ao lhe impor um bloqueio “Não, eu não sou velha”. Nesse caso, é o modalizador assertivo negativo “não” que cria o obstáculo enquanto valor predicativo, enquanto marca do processo de construção de valores. A negação reorienta o projeto de existência de representação nocional <Y não ser velha>.

Esse enunciado é construído a partir da percepção de algo já existente /X achar Y velha/. O sujeito que enuncia apela à qualificação para construir uma representação, com a finalidade de consolidar uma ocorrência de predicado que é retomado como “uma não velhice de alguém”.

Pensando na situação (ii) e no modo como ela faz referência a uma paráfrase como: (1b) “Eu sou velha sim, mas não quero/gosto que me chame de velha”, entendemos que o sentido atribuído ao enunciado pelo qualificador /velha/ não se confunde com o estado resultante <Y - não ser - velha>, mas satisfaz de alguma forma o pressuposto de existência de representação de <Y – ser – velha>. A qualificação retoma um possível estado resultante, por isso, passa à percepção de existência de /a velha que Y é/. Seria algo como: “Eu sou velha mas eu digo que não sou velha porque não gosto de ser chamada de velha”. Nesse sentido, a marca /velha/ localiza alguém em relação a determinada enunciação.

A predicação, nesse caso, é uma via de mão dupla porque quando Y se nega velha /a velha que Y não é/ Y se deixa determinar pela noção <ser velho> ao se autodeterminar pelo eufemismo “melhor idade”, um atenuante para velho, em português. Temos, então, /Velha que Y é/. Destarte, não temos um valor particular e estabilizado entre Y ser ou Y não ser. O valor possível depende tanto do empírico quanto do linguístico.

Observe-se que na paráfrase (1b) o enunciador amparado pelas marcas de modalidade assertiva afirmativa /sim/ confirma a sua existência pela propriedade <ser velho>, que logo é negada ao se inserir valor aspectual embarcado em /mas/.

Percebe-se por meio do enunciado 1(b) um jogo de instabilidade que, de certa maneira, constrói a representação de existência de <ser velha>. O enunciador confere velhice num tempo e espaço, porém, dadas as situações, essa atribuição esbarra em obstáculos que o transformam e o estabilizam como “uma não velha”, como “alguém com ausência de velhice”. Nesse sentido, atinge-se a formalização “velha não sendo velha”.

Em última instância, diante de 1 (a) e 1 (b) constatamos que os projetos de representação se estabilizam quando a marca /velha/ funciona como uma alteridade na construção e estabilização de valores.

Considerações finais

Desbravamos alguns dos agenciamentos que levaram a marca /velha/ a se estabilizar como valores e propriedades distintos numa dada situação enunciativa pelo viés da TOPE. Também mostramos como essa teoria encara o estudo da linguagem articulada ao variável das Línguas Naturais, graças à adoção de um método de análise em que a própria atividade de linguagem é investigada dentro de um campo metalinguístico.

Tudo isso só foi possível porque tomamos o sujeito enunciador, em situação enunciativa, como parâmetro para a consolidação da análise e da estabilização de sentidos para a marca /velha/. Dito isso, esperamos ter demonstrado que:

- (i) a indeterminação é constitutiva da linguagem e que a produção e o reconhecimento de textos são decorrentes da articulação entre léxico e gramática, dado o caráter plástico e dinâmico das línguas.
- (ii) a enunciação é um fenômeno ancorado nos agenciamentos das formas e nos mecanismos enunciativos que a constitui, podendo ser tomada, inclusive, como um sistema de representação formalizável pelas operações que dão origem ao enunciado, que assim como a linguagem, na TOPE, é um construto teórico.
- (iii) os conceitos de noção, aspecto, modalidade, qualificação são produtivos em linguística quando fundamentados pelo jogo das orientações e reorientações.
- (iv) a intersubjetividade é determinista na constituição provisória dos sentidos quando os sujeitos modulam e (re)orientam as formas através da atividade epilinguística (numa relação de busca de identidade por meio da estabilização de sentidos) e da atividade de parafraseagem (numa relação de busca de alteridade por meio da estabilização de sentidos).

Basicamente foram esses quatros pontos que esperamos ter tratado e defendido minimamente neste artigo.

REFERÊNCIAS

BIASSOTO, M. *Para uma gramática da produção: análise da marca mesmo sob o enfoque da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas*. 216 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP, 2012.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990. Tomo 1

_____. *Pour une linguistique de l'énonciation: formalization et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, 1999a. Tomo 2.

_____. *Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel*. Paris: Ophrys, 1999b. Tomo 3.

CULIOLI, A. et NORMAND, C. *Onze rencontres sur le langage et les langues*. Paris: Ophrys, 2005.

DE VOGÜÉ, S., FRANCKEL, J.-J., PAILLARD, D. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

GONÇALVES, Paula de Souza. *A preposição "para" e o processo de construção referencial*. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP, 2008.

PRIA, Albano. D. *Para um redimensionamento do estudo do adjetivo: os processos enunciativos de variação semântica de "falso"*. 124 f. Doutorado (Tese em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP, 2009.

REZENDE, L. M. *Léxico e gramática: aproximação de problemas linguísticos com educacionais*. 2000. 330 f. Tese (Livre-docência). - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2000.

ROMERO, M. C. Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização em Antoine Culioli e Carlos Franchi. In: *ReVEL*, v. 9, n. 16, 2011.

Enviado em: 19 de maio de 2020.

Aceito em: 15 de junho de 2020.